

# OS MISTÉRIOS DE BAKU

por — ANTÔNIO CARREIRA

A satisfazer a curiosidade de qualquer leitor menos informado, apontaremos algumas datas de acontecimentos ligados à história das explorações em volta de Baku, nome com que em geral se designam as zonas petrolíferas do Cáucaso e do mar Cáspio que na realidade englobam:

—*Baku*, «a terra empapada de óleo», o óleo «primeiro do mundo», «o de mais alto tipo», o óleo do «inesgotável lago subterrâneo»;

—*Grosny e Maikop*, regiões marginais do Cáspio;

—*Emba*, frente a Grosny, na outra margem do Cáspio, «o futuro paraíso do petróleo» abrangendo o distrito de Fergana e o de Techimlon, já nas montanhas do Turquestão, zona ainda «mais rica que Baku».

—*A ilha de Tscheleken*, «fornecedora do melhor óleo parafinado do mundo», no mar Cáspio, cujo fundo «é outro mar de petróleo» e onde «já se constroem torres sobre a água». (1)

1880—A nafta de Baku era extraída pelos próprios nativos da região.

Nicolau II a quem souberam fazer acreditar, em parte, na utilidade que já tinha então o precioso líquido, oferece a alguns dos seus vassallos, grande parte daquelas regiões quasi desérticas, como recompensa da dedicação e dos serviços que lhe teriam prestado.

A extracção aumenta, o comércio desenvolve-se, a exploração corre fama, e os aventureiros de todo o mundo são atraídos ao local pela rapidez da riqueza.

Os camponeses pobres vendem as suas terras, os pequenos proprietários desfazem-se dos seus poços e, aproveitando a fidelidade dos seus servos constituem com eles pequenas milícias, guardas armados que comandam em defeza das novas explorações daqueles a quem tinham vendido os seus direitos de propriedade. Depressa surgem rivalidades entre os magnates das novas empresas e se travam lutas sangrentas entre estes e os mercadores que afluem de toda a parte.

1897—40 % da nafta russa já estava concentrada nas mãos da firma de Emanuel Nobel, cujos ascendentes tinham enriquecido com a dinamite, e que fundara uma companhia russo-germânica. O monopólio sobrepuja a concorrência e vai aumentando sempre, enquanto surgem novos concorrentes.

1901—A extracção já atingia 55 % da produção mundial. Os norte-americanos, os ingleses, os franceses e os belgas disputavam-se nervosamente a posse de mais fontes. Calor a 40 graus, 12 horas de trabalho diário. Quando despejavam, como a água era um luxo caro, já se sentiam satisfeitos em poderem lavar os corpos nus no óleo que repuchava nas terras. Comiam em seguida um bocado de brã, bebiam um pouco de água fétida e ficavam-se a dormir nas cabanas, extenuados, até que soasse a hora de regressarem ao trabalho, aquele trabalho que tinha sobre o das galeras romanas ou das pedreiras do Egipto a vantagem de chamar-se «livre».

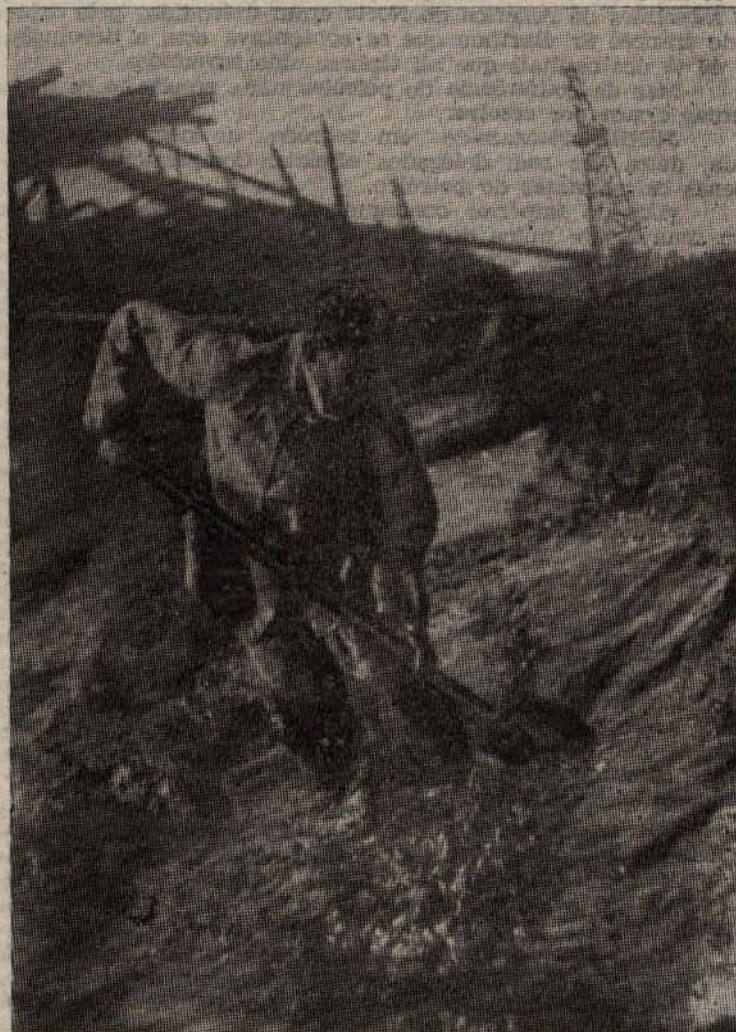
A tarefa mais mal paga, a de categoria inferior era a que executavam no interior dos poços. Desciam por uma corda e trabalhavam metidos em óleo até aos sovacos. Se a corda partia, nada os impedia de morrerem afogados. Se a corda resistia conseguiam por vezes resistir também à asfixia dos gases que se desenvolviam.

A faina mais categorizada era executada cá fóra, toda a jornada de pé nas plataformas das torres. Tensão nervosa. O menor descuido implicaria o mais tremendo castigo, em virtude dos prejuizos que era certo acarretar, ou os maiores perigos.

1910—Henry Deterding (negociante holandês, associado em 907 à Shell, companhia inglesa de transportes marítimos), que vinha sonhando com as riquezas do subsolo caucásico, auxiliado pelos banqueiros franceses Rothschilds (proprietários da Companhia Mazut, exploradora já da nafta russa), adquire os campos de Grosny.

Pouco depois aqueles banqueiros franceses, fazem-lhe entrega dos seus interesses, em troca de acções das empresas que o holandês dirigia: A royal Dutch, holandesa; e a Shell, inglesa.

(1) Os acontecimentos a que aludimos estão desenvolvidos no livro «A luta pelo petróleo», de Essad Bey, tradução da Companhia Edt. de São Paulo.



PETRÓLEO

1911—Deterding, que procura alargar a sua exploração, visita pessoalmente os desertos do Ural.

1912—A empresa deste magnate alcança um lucro líquido, somente com os petróleos russos, de 2.500 milhares de rublos. Entretanto, dentro dos poços, ainda morriam diariamente 10 a 12 operários que recebiam por mês 8 a 10 rublos. Os operários assinavam, antes de descerem, um documento em que assumiam absoluta responsabilidade por tudo que lhes pudesse acontecer.

1913—O negociante holandês que o rei de Inglaterra havia de elevar mais tarde ao título de «Luz de Império» já possuía também petróleos na România, na Califórnia, no México e em Trindade. Quando eclodiu a guerra, já a Inglaterra se sentia senhora de petróleo bastante para enfrentá-la.

1914—Os capitais ingleses investidos nas explorações da nafta russa orçam já por 170 milhões de rublos; os da França por 67; os da Bélgica por 42.

1917—O Governo de Sua Magestade não tinha previsto um consumo tão desmarcado.

As reservas de óleo dos Aliados mal chegam para 15 dias. A derrota está quasi eminente. Clemenceau faz um sentido apêlo ao Governo Americano e os aliados cantam vitória.

O Governo Inglês adquire então a maioria das acções da Shell e Royal Dutch e continua explorando os petróleos através da pessoa de «Luz do Império».

Dá-se o movimento de Outubro. Os mais tímidos exploradores da preciosa nafta, vendem os seus direitos de proprietários e o governo inglês, por intermédio de Deterding, compra.

1919—Os poços de petróleo são expropriados sem indemnização. O governo britânico, o governo francês, o belga, etc., sentem-se indignados.

1920—Emanuel Nobel vende a Rockefeller as torres que